

O USO DO PODCAST COMO UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A PROMOÇÃO DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO: O CASO DO PODCAST SARAU DA CASA AZUL

THE USE OF PODCASTS AS A METHODOLOGICAL TOOL FOR THE PROMOTION OF INTERDISCIPLINARY PRACTICE IN EDUCATION: THE CASE OF THE PODCAST SARAU DA CASA AZUL

Luciene P. Carris Cardoso¹
Luzimar Soares Bernardo²

Recebido em 10/06/2024
Aprovado em 13/10/2024

RESUMO

O artigo analisa a contribuição do podcast Sarau da Casa Azul como um recurso digital auxiliar no processo do ensino-aprendizagem, tendo como parâmetro a dinâmica interdisciplinar do conteúdo disponibilizado. Desse modo, o podcast pode ser uma ferramenta didática que pode ser utilizada por professores e alunos do segmento desde a educação básica até o ensino superior. Considerado como integrante das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICs), constata-se que a difusão desse recurso tem se ampliado nos últimos anos.

Palavras-Chave: podcast; interdisciplinaridade; educação.

ABSTRACT

The article analyzes the contribution of the podcast Sarau da Casa Azul as an auxiliary digital resource in the teaching-learning process, having as parameter the interdisciplinary dynamics of the content provided. Thus, the podcast is a didactic tool that can be used by teachers and students from basic education to higher education. Considered as part of the Information and Communication Technologies, the diffusion of this resource has increased in the last years.

Keywords: podcast; interdisciplinarity; education.

INTRODUÇÃO

Em junho de 2020, durante o primeiro ano da pandemia do coronavírus, que abateu o Brasil e o mundo, foi criado o podcast Sarau da Casa Azul com o intuito de promover a divulgação do conhecimento histórico a partir de entrevistas com diversos

¹ Doutora em História Política pelo PPGH da UERJ, com estágios pós-doutorais pelo LABGEOPO da FFLCH da Universidade de São Paulo (2013), pelo Programa de História Social da Cultura da PUC-Rio (2019) e pelo Departamento de História da UERJ (2023). Idealizadora do Podcast Sarau Casa Azul e do Blog de História Box Digital de Humanidades. E-mail: lucienecarris2016@gmail.com

² Doutoranda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e Mestre em História Social pela PUC-SP (2019). Idealizadora do Podcast Sarau Casa Azul e do Blog de História Box Digital de Humanidades. E-mail: luzimarsb@hotmail.com

especialistas e professores da área de História. Durante a produção de cada episódio, elaboramos um caminho metodológico, que envolveu e continua envolvendo desde a elaboração de um roteiro, que dava conta da pesquisa sobre a trajetória do entrevistado, bem como a sua especialização que abria caminho para a constatação do potencial do entrevistado e daquele que o *podcast* agrega como ferramenta de disseminação de conteúdo incitando a curiosidade do ouvinte para o tema escolhido, cuja inspiração remete aos primórdios do surgimento do rádio.

Porém, vale a pena uma digressão para que compreendamos o surgimento desse recurso tecnológico, que é, atualmente, tão difundido e que atrai cada vez mais o público, e que fideliza o ouvinte pelo conteúdo e pela forma de apresentação. Nesse sentido, esse formato contribuiu para reinventar o rádio como até então conhecíamos. Para que se entenda a trajetória primeiro do rádio é necessário recordar no Brasil o padre e inventor brasileiro Roberto Landell de Moura, o pioneiro das comunicações por ondas eletromagnéticas em fins dos Oitocentos (ABREU, 2015). Entretanto, o padre Landell de Moura foi ofuscado na história da rádio pelo industrial italiano Guglielmo Marconi, que realizou experimentos e patenteou a possibilidade de construir aparelhos, ao contrário do brasileiro que acusado de bruxaria foi proibido de dar continuidade às pesquisas de seus experimentos e de registrar suas descobertas. De acordo com Antonio Magnoni e Kelly Rodrigues, inspirando-se nos estudos de Luiz Arthur Ferraretto:

As marcas da tecnologia relacionadas à radiodifusão começaram a ser concebidas em 1753, quando Benjamin Franklin percebe a possibilidade de usar a eletricidade para a transmissão de mensagens. Essa descoberta foi o princípio básico para o desenvolvimento do telégrafo e do telefone. A invenção do primeiro aparelho de comunicação à distância coube ao pintor Samuel Morse e aos cientistas William Fothergill Cooke e Charles Wheatstone, no século XVIII. Já em 1876, a transmissão da voz humana por meio da transformação de suas vibrações em som é feita por meio de um aparelho patenteado por Alexandre Graham Bell: o telefone, que revolucionou os processos comunicativos (MAGNONI; RODRIGUES, p. 04, 2013).

Contudo, foi na efeméride das Comemorações do Centenário da Independência do Brasil no dia 07 de setembro de 1922, que se deu a inauguração oficial da radiodifusão no território nacional, apesar do registro da criação da Rádio Clube de Pernambuco em 1919. Como parte da Exposição Internacional do Rio de Janeiro foi realizada a transmissão do discurso de abertura do evento feito pelo presidente Epitácio Pessoa, bem como a difusão do concerto “O Guarani” do compositor brasileiro Carlos Gomes no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O intento envolveu a compra de equipamentos modernos de transmissão e recepção importados e devidamente instalados no alto do morro do Corcovado (ORTRIWANO, 2002).

Assim, no ano seguinte foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que teve como um de seus maiores incentivadores o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, que evidenciou a função educativa da rádio no ensino à distância. A partir daí, o rádio se converteu em um poderoso instrumento à serviço do Estado e de grandes grupos econômicos. Não por acaso em 1924, o governo brasileiro adotou uma lei que assegurou o controle do Estado sobre as concessões e sobre o seu funcionamento o que resultou altos investimentos que, de início, impediram a sua popularização.

O sentido de um sistema de radiodifusão público e gratuito tal como ocorria na Europa e nos EUA não foi aplicado até 1932, quando o governo provisório de Getúlio Vargas publicou o Decreto n. 21.111 que regulamentou a radiodifusão comercial e a publicidade sonora, o que acarretou o estímulo ao consumo de bens culturais como espetáculos artísticos, o cinema, o teatro, a literatura, entre outros, além do jornalismo em tempo real, o que permitiu atingir diversos segmentos da população nos rincões do território brasileiro. Vale recordar que “a radiodifusão (tanto sonora quanto audiovisual) foi construída em dois períodos históricos distintos para servir de amplificador de projetos nacionalistas e modernizadores, ambos implementados por governos autoritários” (MAGNONI; RODRIGUES, p. 02, 2013). Por volta das décadas de 1980 e 1990, gradualmente, uma nova conjuntura despontou com a modernização das tecnologias existentes, e com o processo de incorporação de vários meios de comunicação nos telefones celulares, permitindo, a multifuncionalidade com o acesso à internet, rádio, televisão e telefonia ((MAGNONI; RODRIGUES, 2013, p. 03).

O advento da internet influenciou a forma de ouvir rádio com a possibilidade real de acessar emissoras de diferentes lugares do território nacional e do planeta com o surgimento de *webrádios* e *podcasts*. Neste sentido, transcende as barreiras físicas e se transforma em um produto multicultural e internacionalizado ouvir hoje rádio, uma vez que a distância se torna um aspecto social do produto, em vez de ser um fator limitante de seu alcance, como observado por Zygmunt Bauman (1999). Porém, vale a pena salientar que o *podcast* é um serviço de transmissão de áudio digital, que pode ser transmitido por qualquer pessoa através de blogs ou de plataformas destinadas para tal fim. Aliás, como apontou Nair Prata Martins “o podcast é apenas uma possibilidade audiovisual emergente das novas tecnologias, que tanto pode estar presente no novo rádio, como não” (MARTINS, 2008, p.75).

Convém destacar que as rádios constituem um serviço público concedido pelo Estado, que utiliza a radiodifusão a partir de uma frequência determinada pelo governo, por sua vez, os *podcasts* não necessitam de concessão ou de autorização legal para a sua difusão. Além disso, o ouvinte da rádio necessita estar sintonizado na rádio ou na *internet* para ouvir um programa, ao passo que o *podcast* oferece a oportunidade de ouvir no modo *off-line*, sem a necessidade de estar conectado. Em que pesem as distinções específicas e técnicas entre os rádios e os *podcasts*, é inegável que as

tecnologias digitais de informação e comunicação tem evoluído e modificado a sociedade em várias dimensões, inclusive a educação (JESUS, 2014).

É importante ressaltar que a tecnologia permeia todo o sistema educacional, desde a educação infantil até a universidade. Em meio à propagação de informações falsas e revisões históricas, torna-se crucial refletir sobre o uso e os limites das tecnologias digitais e de comunicação, as quais são amplamente utilizadas no dia a dia. Compreender a função da internet e refletir sobre questões relevantes, como meio ambiente, racismo, saúde pública e sexualidade, entre outros aspectos é fundamental para a formação da cidadania e para a manutenção do estado democrático. Neste sentido, cabe ao professor de História, como bem destacou Fernando Seffner, “estar sintonizado com o tempo presente, com as culturas juvenis que marcam seus alunos, com as especulações acerca do futuro, mundo onde seus alunos irão viver e trabalhar” (SEFFNER, 2013, p. 32).

As mídias digitais e a internet transformaram as relações na sociedade, assim, a sociedade em rede, retomando aqui o sociólogo espanhol Manuel Castells, conectada e em rede contribui para mudanças de comportamentos, bem como contribui para novas maneiras de viver e experiências sociais. Não por acaso, em 11 de janeiro de 2023, foi sancionada a Lei n. 14.533 que instituiu o Programa Nacional de Educação Digital (PNED), que pretende garantir o acesso dos brasileiros aos recursos digitais, bem como aprimorar as relações no ambiente digital através do seu uso seguro e responsável. Portanto, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o PNED se desenvolve em quatro eixos: inclusão digital; educação digital escolar; capacitação e especialização digital; e pesquisa e desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

262

A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

As tecnologias digitais têm sido utilizadas para o levantamento de fontes em acervos e banco de dados, a exemplo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, ou na realização de pesquisa sobre trabalhos acadêmicos no Banco de Dissertações e Teses da CAPES ou no *Google Acadêmico*, entre outros espaços virtuais. Portanto, observa-se a desconstrução das bibliotecas e de acervos, como até então conhecemos, através da virtualização de documentos e do compartilhamento de informações no ciberespaço, como bem apontou Pierre Levy (1999).

Além disso, as mídias digitais contribuem para a criação de novos canais de divulgação, aliás, um universo, que era, anteriormente, restrito aos grandes jornais ou programas de rádio e de televisão, e que eventualmente consultavam historiadores ou

especialistas em determinadas áreas do conhecimento para as suas matérias ou programas. Apesar disso, ainda constitui um grande desafio, pois a nova era digital demanda novos enfoques teórico-metodológicos na pesquisa, no ensino e nas formas de divulgação e mediação do conhecimento histórico (PRADO, 2021).

Na esteira das reflexões das historiadoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen sobre o papel do intelectual mediador como produtor de conhecimento pode alcançar o ambiente escolar, bem como um público mais abrangente e heterogêneo, e não acadêmico. Pois, ao se dedicarem às possibilidades que as tecnologias digitais oferecem para a educação, os profissionais de história podem desempenhar um papel fundamental, pois se envolvem tanto na criação de novas narrativas quanto na sua divulgação, além disso podem traduzir a linguagem técnica e acadêmica para uma linguagem mais acessível. Assim, “em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/fazer/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais, programas de rádio e televisão, cinema, exposições, livros infantis etc.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 23).

As tecnologias de informação e comunicação estão ampliando as possibilidades de atuação dos historiadores e de outros profissionais, garantindo certa autonomia e liberdade, permitindo-lhes maior liberdade para exercer suas atividades. Embora essa seja uma tendência recente, os historiadores britânicos já buscavam democratizar e discutir os usos do passado desde os anos 1960. Na década de 1970, o termo "História Pública" surgiu na Universidade da Califórnia para designar o trabalho dos historiadores fora do meio acadêmico, em áreas como governo, empresas privadas, meios de comunicação, sociedades históricas e museus. Esse campo tem se expandido cada vez mais, permitindo que historiadores e outros profissionais utilizem seu conhecimento em diversas áreas da sociedade (CARVALHO, 2016). Além disso, em relação à educação e as práticas didáticas podem se beneficiar da abordagem da história pública, uma vez que estimula:

(...) os alunos e formular o conhecimento histórico escolar. Livros didáticos, textos complementares, cinema, música, literatura, teatro, canais da Internet, memes, charges, revistas em quadrinhos, pinturas, iconografia, jogos, games, fotografias, patrimônio, museus e etc. são exemplos de fontes, linguagens suportes, mobilizados em diversas situações da aula de História, inclusive fora do espaço escolar, como as visitas aos museus e às cidades (FERREIRA, 2016, p. 34).

Segundo Pierre Lévy, estudioso renomado em ciência da informação, que se dedica aos estudos sobre o espaço virtual potencializado pelo acesso à informação e pela interatividade proporcionados pelos computadores, smartphones e tablets, a cultura é composta por técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que surgiram com o ciberespaço. A cibercultura, herdada da filosofia iluminista do

século XVIII, aprofunda a troca de informações e conhecimentos, e oferece a possibilidade de igualdade por meio do compartilhamento de informações. A liberdade é buscada por meio de programas de codificação e do acesso irrestrito a diversas comunidades virtuais, e a fraternidade é refletida na interconexão global proporcionada pelas mídias eletrônicas.

Desse modo, a cibercultura representa uma solução parcial para os problemas da sociedade, que exige uma reinvenção das relações com o saber, o trabalho, o emprego, a moeda, a democracia e o Estado. Na educação, é necessária uma reconfiguração para se adequar à cibercultura, que demanda flexibilidade de tempo e espaço para a aprendizagem, ambientes motivadores, rápidos, organizados e dinâmicos. Um novo paradigma surge com o questionamento das formas instrucionais, mentalidades e cultura dos sistemas educacionais tradicionais, principalmente em relação aos papéis de professor e aluno, uma vez que, com as novas tecnologias aplicadas à educação, o papel do docente não se restringe à transmissão de conhecimento sistematizado e organizado em livros ou manuais.

É digno de nota que a Base de Dados Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2018 recomendou a possibilidade da introdução das tecnologias digitais como uma forma de diversificar os recursos pedagógicos e incentivar o ensino-aprendizagem no desenvolvimento da escrita, oralidade, leitura e escuta. De todo modo, devido a sua versatilidade, pode ser empregado tanto na educação básica quanto no ensino superior. Assim, como recurso tecnológico e educacional voltado para a oralidade, o *podcast* pode incentivar a leitura de livros; auxiliar na atualização de notícias; pode servir como suporte para atividades; assim como incentivar debates e a interatividade entre os alunos e promover autonomia para pesquisa de tópicos discutidos em sala de aula, entre outras possibilidades.

Além disso, o docente pode gravar aulas, realizar introduções sobre determinados temas específicos ou apresentar curiosidades, que incentivem o interesse dos discentes, bem como até desenvolver um *podcast* junto com os alunos, e, assim, estimular o desenvolvimento do trabalho colaborativo. Neste sentido, para Pierre Levy constata a transformação no papel tradicional do docente, que se desloca da difusão tradicional do conhecimento para o incentivo a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento crítico através de novas tecnologias, assim, “(...) sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.” (LÉVY, 1999, p. 171).

Contudo, na década de 1960, o psicólogo comportamental B. F. Skinner refletiu sobre a possibilidade do uso da tecnologia na relação ensino-aprendizagem através da criação da “Máquina de ensinar” na sua obra *Tecnologia do Ensino*. De acordo com a perspectiva comportamental, tal artefato poderia encorajar a participação ativa do

estudante, neste sentido, “Skinner desloca a ênfase, até aqui colocada na atividade do professor, para o comportamento do aluno e, em especial, para o reforço do comportamento” (COSTA, 2012, p.37).

Na década de 1980 com o surgimento dos computadores pessoais e outras novas tecnologias na época, o matemático Seymour Papert, inspirado na teoria construtiva de Jean Piaget, incentivou a participação das crianças no mundo digital através da robótica educacional, e assim, elaborou uma linguagem de programação conhecida como LOGO, que visava estimular a participação de crianças no desenvolvimento de jogos, músicas e desenhos, para ele “em vez de colocar o aluno apenas a receber informação, apelava-se ao seu envolvimento no processo de construção do seu próprio conhecimento com recurso à tecnologia” (COSTA. 2012, p.38).

No Brasil, uma das pioneiras na pesquisa sobre os jogos eletrônicos e a educação é a educadora Lynn Rosalina Alves, que discute a perspectiva equivocada e maniqueísta associada aos jogos como indutores de comportamentos violentos. No seu entendimento, os jogos eletrônicos podem enriquecer o processo educativo, uma vez que os professores podem identificar “nos discursos interativos dos *games*, questões éticas, políticas, ideológicas, culturais etc. que podem ser exploradas e discutidas com os discentes” (ALVES, 2008, p. 08). Aliás, vale a pena destacar o Programa Nacional de Tecnologia (ProInfo), criado em 1997, pelo Ministério da Educação, com intuito de estimular o uso pedagógico da tecnologia no ensino fundamental e médio. Assim, vislumbra-se que como os jogos eletrônicos, outros recursos digitais contribuem no processo de ensino e aprendizagem, a exemplo dos *podcasts*, que bem explorados podem estimular o pensamento crítico sobre diversos assuntos.

Seja como for, houve um aumento significativo de 57% do consumo de podcast durante o período da pandemia no Brasil. O crescimento impulsionou grandes veículos de comunicação a adotarem esse novo formato, aliás, o sucesso dessa mídia rendeu uma homenagem no 21 de outubro escolhido como o Dia do Podcast (TEIXEIRA, 2022). Aliás, o Brasil alcançou o quinto lugar no ranking global de consumo durante a pandemia, e estima-se um crescimento de cerca 132%, o que corresponderia a cerca de 41 milhões de ouvintes (CETIC, 2022).³ Além disso, o confinamento proporcionou o aumento do consumo também de *lives* (transmissões online ao vivo através de

³ Sobre isso ver, **TIC Domicílios 2021: lançamento de resultados**. Em 21 de junho de 2022, o CETIC publicou um relatório com análises estatísticas sobre os impactos das tecnologias digitais na sociedade. Foram ouvidos 21 mil brasileiros do território brasileiro, correspondendo a 23.950 domicílios. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), do NIC.br, é responsável pela produção de indicadores e estatísticas sobre o acesso e o uso da Internet no Brasil, divulgando análises e informações periódicas sobre o desenvolvimento da rede no país. O Cetic.br é um Centro Regional de Estudos, sob os auspícios da UNESCO. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2021_coletiva_imprensa.pdf Acesso em: 01 mai. 2023.

plataformas como *Youtube* ou *Instagram*), de cursos *online* através dos ambientes virtuais de apoio à aprendizagem (*Moddle*), que eram utilizados, especialmente, pelas universidades, além da oferta ocorrer em outras plataformas digitais como *Youtube*, além disso, se intensificou o serviço de *streaming* de vídeos.

Apesar da revolução da internet não ser uma novidade, constatou-se que a pandemia alterou as formas de trabalho, de ensino, de comunicação, de diversão e de consumo. Assim, o tempo dedicado à internet aumentou 81% durante a pandemia para todas as faixas etárias com aumento substancial entre os mais jovens, e o aumento das atividades ou pesquisas escolares atingiu o patamar de 83% de usuários, segundo a pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que se baseou nas informações do PNAD Covid-19 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ao que parece, ainda de acordo com a pesquisa realizada, a suspensão das aulas presenciais motivou certa autonomia dos alunos do ensino médio e superior para o ensino individual (PAINEL TIC COVID-19, 2021, p. 04).

Ao que tudo indica, a despeito do fim do isolamento social e o retorno das atividades presenciais no trabalho e na escola, as tecnologias de informação e de comunicação como os *podcasts* não foram abalados com o fim da pandemia, o consumo continua em expansão. De acordo com Silvio Correia Santos e Ana Peixinho da Universidade de Coimbra,

266

O podcast estabeleceu-se como o espaço privilegiado para um pleno renascimento da história. Não uma história qualquer, mas uma história de pessoas reais. Este recurso à narrativa centrada na personagem é uma estratégia que favorece a proximidade com o ouvinte e que humaniza a abordagem jornalística – com todos os desafios que isso pode trazer a quem reporta. O podcast estabeleceu-se como um produto de nicho que explorou fragilidades da rádio *mainstream* e floresceu a partir de uma semente por esta lançada. Com isso, conseguiu entrar onde a rádio cada vez menos lograva fazê-lo: no lugar da escuta atenta (SANTOS; PEIXINHO, 2019, p. 155).

Segundo o professor de tecnologia educacional Eugênio Freire, o *podcast* surgiu em 2004, quando Adam Curry, que trabalhava na MTV americana, “fascinado pelo potencial da distribuição online de áudio por demanda”, ao lado de Dave Winer, especialista em desenvolvimento de *software*, criaram o primeiro programa diário dedicado à música, tecnologia e cultura chamado de *Daily Source Code*. Apesar do pioneirismo, quem cunhou a expressão *podcast* foi o jornalista britânico Ben Hammersley do periódico *The Guardian*, muito em razão da popularidade da *Apple* com o seu tocador musical de MP3 na época apelidado de *Ipod* (FREIRE, 2017). Aliás, atualmente, há três formatos conhecidos: *podcast* de áudio, que é o mais comum;

podcast de vídeo, mais divulgado em plataformas de vídeo como *Youtube* e, por último, o *podcast* misto que tem se tornado o mais popular, pois combina áudio e vídeo, e é utilizado pelos programas de notícias e entretenimento.

Atualmente, a plataforma *Anchor*, criada em 2015, é a mais utilizada e responsável pela criação e disseminação de *podcast*, como o Sarau da Casa Azul. Além disso, oferece um balanço sobre o alcance do programa, sobre a audiência e sobre o ranking de cada episódio. Assim, no caso do Sarau, constatou-se que a maioria dos ouvintes é do Brasil com 71%, seguido pelos EUA com 21%. Porém, há ouvintes de outros países registrados, tais como Canadá, Alemanha, Portugal, Irlanda, Espanha, França, Holanda, Gana, México e Reino Unido.

Curiosamente, os dados sobre o público ouvinte revelaram um percentual de 50% divididos igualmente entre gêneros feminino e masculino. Sobre a idade dos ouvintes, há uma distribuição do número total de ouvintes de 30% da audiência, e que se encontra igualmente dividido nas faixas etárias 28-34 anos e 45-44 anos, enquanto entre as faixas etárias 35-44 e 60+ há um empate das categorias com o percentual total de 20%. Outro dado valioso diz respeito sobre às plataformas mais utilizadas. De acordo com *Anchor*, 81,7% acessam o conteúdo através de um navegador *web*, seguido pelos aplicativos *Spotify* com 9,6% e *Apple Podcasts* com 2,9%. Há o registro de outros aplicativos não citados com 5,8% de ouvintes.

Sobre o número total de reproduções para cada episódio desde a sua criação em junho de 2020, quando foi divulgado o primeiro episódio, não surpreende que a audiência seja relativamente baixa, se compararmos com outros *podcasts* de entretenimento. Mas, se levamos em consideração as dificuldades encontradas para a sua produção, tais como a seleção de entrevistados, a pesquisa de roteiros das entrevistas, cujo tema nem sempre é familiar, bem como as formas de gravação, além do trabalho técnico com a edição, seguida da distribuição do episódio, consideramos que 3500 reproduções como significativo.

Muitos desafios referem-se à disponibilidade de tempo dos entrevistados para a gravação, pois geralmente são realizadas através de plataformas de vídeos com data e hora previamente agendadas. Eventualmente, outra estratégia utilizada consiste no envio pelos entrevistados dos áudios com as suas respostas através do correio eletrônico ou pelos aplicativos de comunicação.

Depois do áudio editado, o arquivo é enviado para o *Anchor*, responsável pela hospedagem na plataforma e na redistribuição para outros lugares. Por fim, há o compartilhamento dos episódios nas redes sociais e nos grupos de pesquisa das universidades dos quais fazemos parte. Apesar da produção de cada episódio, destaca-se que as dificuldades enfrentadas são reais, devido à falta de conhecimento mais aprofundado sobre o processo e o gerenciamento de tais ferramentas, que, por sua vez, incentiva o aprendizado permanente sobre os recursos digitais.

O SARAU DA CASA AZUL

Como o Sarau da Casa Azul se trata de um *podcast* voltado para entrevistas, há uma variedade de temas apresentados. Porém, muitos dos assuntos escolhidos dialogam ou tangenciam as nossas pesquisas, o que torna o programa mais significativo e coerente com o nosso propósito. Aliás, o nome escolhido surgiu inspirado pelas atividades culturais e educativos, que eram realizados em uma casa antes da eclosão da pandemia do coronavírus em março de 2020. Desse modo, o conceito de um sarau está associado aos encontros culturais como oportunidade de exposição de ideias e de troca de experiências. O sarau remonta aos encontros realizados nos elegantes salões das casas da aristocracia e burguesia europeia, e no Brasil se popularizou ao longo do século XIX com a vinda da Corte portuguesa para a sua antiga colônia. Não é demais recordar a contribuição dos modernistas paulistas da “Semana Arte Moderna de 1922” como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, entre outros, na promoção dessas reuniões como manifestações informais, deslocando o seu sentido original para a valorização de um sentido de brasilidade (MAIA; CARDOSO; SANTOS, 2016, p. 131).

Seja como for, depois da escolha do entrevistado ou entrevistada, ocorre o preparo de um roteiro de entrevista através de perguntas prontas ou semiestruturadas sobre o tema e a trajetória do entrevistado, que se inspira na metodologia de pesquisa da História Oral, que nos orienta na formulação de questões, embora não ocorra a transcrição das entrevistas orais para a escrita como é habitualmente realizado (FERREIRA; AMADO, 2001).

Ademais, convém acrescentar que os três episódios mais populares do podcast tratam de três personagens, e contaram com a participação dos professores Antonio Edmilson Martins Rodrigues⁴, Marcos Alvito⁵ e Amílcar Araújo Pereira⁶, respectivamente. O primeiro, com 178 reproduções, revelou a contribuição do cronista carioca João do Rio, pseudônimo utilizado pelo jornalista e poeta Paulo Barreto, para a história do Rio de Janeiro. Em seguida, o episódio que abordou a obra “Grande

⁴ RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. A cidade e o poeta: o Rio de Janeiro de João do Rio. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em junho de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3ewxsdpDh7X5hfv4QjuzLv?si=b41ddd0f6248415f> Acesso em: 04 mai. 2023.

⁵ ALVITO, Marcos. Os Sertões de Guimarães. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em julho de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/51wkhcPuHxdKh2KMNqQn5t> Acesso em: 04 mai. 2023.

⁶ PEREIRA, Amílcar. "Era só mais uma Silva": Maestro Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em março de 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7ENNhTZ0YWA068P4SZXNpj?si=ad7cff7040e14715> Acesso em: 04 mai. 2023.

Serão: Veredas” do escritor e diplomata Guimarães Rosa obteve 149 reproduções, e por último, o episódio, com 146 reproduções, revelou a trajetória do maestro e compositor Paulo Silva.

Mas também exploramos outros temas ao longo dos 68 episódios gravados, tais como: carnaval, patrimônio cultural, turismo, história das mulheres, literatura, política externa, história da rádio, história do cinema, história do Egito Antigo, histórias dos povos indígenas, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos, história do ensino de história, história dos Estados Unidos, interdisciplinaridade, história da cultura afro-brasileira, história da música brasileira, bem como a violência contra a mulher, abordada em dois episódios que se complementam.

O primeiro foi realizado com o psicólogo Flávio Urna coordenador do Curso de Gênero e Masculinidades para homens, participa do Fórum de Gênero e Masculinidades do Grande ABC e do Fórum de Gênero e Masculinidades do Alto Tietê. Autor de livros tais como: "Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher", publicado em 2014, além de autor de vários artigos sobre a temática da masculinidade, dos feminismos e da violência doméstica. sobre o programa “E agora José? Homens no enfrentamento a violência contra a mulher”⁷, o segundo, com o ator e escritor Gabriel Taco sobre o monólogo “Relatos de um homem só”, que apresentou depoimentos de mulheres que foram vítimas de violência.⁸ O tema escolhido não foi aleatório, pois inúmeros são os relatos nos noticiários e nas mídias sociais sobre casos de agressão culminando no feminicídio, aliás, foi constatada o aumento significativo da violência doméstica no último da pandemia da Covid-19.

Além disso, vale destacar que as entrevistas foram realizadas com estudiosos fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, foram entrevistados professores do Ceará, do Paraná e de Roraima, por exemplo, além de entrevistados internacionais, a exemplo do embaixador e Chefe da Missão Diplomática Brasileira na Nicarágua Luís Cláudio Villafañe G. Santos e do professor do curso de Relações Internacionais, André Luiz Prudêncio Sena, residente no Canadá, o que demonstra que o alcance e as possibilidades do *podcast* ultrapassa as fronteiras físicas.

Seja como for, a título de exemplificação, reproduzimos dois roteiros das entrevistas realizadas. O primeiro selecionado contou com a participação do professor Amílcar Araújo Pereira, historiador e professor da Faculdade de Educação da

⁷URRA, Flávio. E agora José? Homens no enfrentamento a violência contra a mulher. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em julho de 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1arTWMctpJbryBSPjvYcQI?si=b293d6e58c504487> Acesso em: 04 mai. 2023.

⁸TACO, Gabriel. Uma conversa sobre o espetáculo "Relatos de um homem só". **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em novembro de 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/51XMKpZes9u99YRDuWTwl?si=943e4cc1c3134819> Acesso em: 05 mai. 2023.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A ideia para o episódio surgiu quando foi lançada a coleção “Personagens do pós-abolição: trajetórias e sentidos da liberdade no Brasil Republicano”, publicado pela editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), que editou outras seis obras em formato eletrônico gratuitamente na página “Personagens do Pós-Abolição”.⁹

Na ocasião, a entrevista com o professor Amilcar Araújo versou sobre a obra *Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil* lançado em 2021. Vale recordar que Paulo Silva foi maestro e compositor, reverenciado por músicos notáveis como Villa-Lobos, Pixinguinha e Tom Jobim. Considerado o maior contrapontista de sua época, se tornou professor emérito do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, mas foi eclipsado na história do Brasil. Como apontou Amilcar Pereira, “são poucos os personagens históricos negros cujas memórias são celebradas, ou pelo menos apresentadas nas escolas ou na sociedade brasileira, de forma geral. Não podemos perder de vista o fato de que o racismo é um elemento estruturante de nossa sociedade e, conseqüentemente, de nossas desigualdades” (PEREIRA, 2021, p. 20). Desse modo, revelar a trajetória de uma figura eclipsada na história da música brasileira se mostrou relevante, pois a desigualdade racial no Brasil continua como uma das maiores do mundo, apesar da maioria da população brasileira ser identificada como negra de acordo com o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Assim, o modelo de entrevista se pautou na trajetória do entrevistado e no objeto de sua pesquisa, como se observa a seguir:

270

1. Professor Amilcar agradecemos a sua participação no nosso podcast. Em seu livro sobre o maestro e professor Paulo Silva, você inaugura o seu livro com uma belíssima carta assinada por você e com a frase “Era só mais um Silva que a estrela não brilha...”. Qual a relação entre os dois Silva, o Silva do funk carioca e o maestro e compositor Paulo Silva?
2. Você poderia dizer como Paula Silva se tornou o seu objeto de estudo e como surgiu o seu interesse em estudar as relações raciais e o movimento negro no Brasil.
3. Como você observa o apagamento dos personagens históricos negros na história no Brasil como Paula Silva, que foi amigo de Villa-Lobos, professor de outros mestres como Tom Jobim.
4. Para finalizar, gostaríamos novamente agradecer. Mas, uma última questão, além de professor de história, você estudou Música. Como surgiu essa relação, poderia discorrer um pouco sobre a sua trajetória?

Por sua vez, a polarização das eleições nos Estados Unidos em 2020 foi tema abordado no Sarau da Casa Azul. Naquela oportunidade, entrevistamos a professora de História e de Relações Internacionais da Universidade Veiga de Almeida, Verônica

⁹ Sobre isso ver “Coleção Personagens do Pós-Abolição”. Disponível em: <https://personagensdoposabolicao.uff.br/biografados/livros/> Acesso em: 05 mai. 2023.

Moreira S. Pires, que discorreu sobre a história dos Estados Unidos, as eleições norte-americanas e a vitória do democrata Joe Biden, aliás, foi um assunto controverso naquele ano, pois ocupou as redes sociais e os noticiários de vários jornais, e em nome da liberdade de expressão, o período foi marcado pela proliferação de notícias controversas e negacionistas, a propósito, é uma situação que ainda se mantém nos dias atuais.

1. Em 2018, você lançou o livro *Estados Unidos: projetos de poder e a (des)construção da liderança mundial*, sob o selo editorial Estudos Americanos, que é o resultado de sua tese de doutorado. Como surgiu a ideia para o seu livro, essa pesquisa foi financiada? Nos conte um pouquinho sobre isso, o seu interesse em pesquisar essa potência, indiscutível, que é os EUA.
2. No livro, você examina a atuação dos Estados Unidos na sociedade internacional depois da Guerra-Fria. Seria possível você falar um pouco para os nossos ouvintes como os EUA emergiu como uma grande potência e a sua atuação no cenário internacional pós-Guerra Fria?
3. Você demarcou que a década de 1990 propiciou novos olhares e posicionamentos nesse sistema internacional. Sendo assim, seria possível explicar o porquê da importância de um país como o Brasil se integrar a esse sistema e a importância de outros atores, como a própria ONU, ultimamente tão questionada pelo seu papel.
4. É interessante observar que os EUA defendem em sua Constituição a liberdade expressão, mas as eleições que levaram Donald Trump ao poder foram envolvidas por *fake News* e negacionismos etc., que chegaram até o Brasil. Não ficamos distantes dessa realidade. O certo é que a administração de Donald Trump, do Partido Republicano, foi marcada por muita controvérsia, polêmica, crises, acusações. Como você analisa administração do empresário e político, tanto do ponto de vista negativo e /ou positivo.
5. Finalmente, depois de muita polêmica, o advogado e político Joe Biden foi eleito o 46º. Presidente pelo Partido Democrata. Você poderia conjecturar qual impacto dessa nova administração não só para os EUA, como para o Brasil e para o mundo. Aliás, o que difere ideologicamente tais partidos que dominam o sistema político-partidário estadunidense? O que podemos esperar desse novo sistema internacional que se desenha depois da Era Trump ainda sob uma grave pandemia que aflige o mundo. Aproveitamos, por fim, para agradecer novamente a sua participação aqui conosco.

Aliás, o tema do revisionismo histórico e das *fake News* foi aventado em outra oportunidade, que contou com a participação do professor Francisco Carlos Teixeira da Silva da Universidade Federal de Juiz de Fora, especialista na área de História Contemporânea e Militar.¹⁰ No contexto da pandemia, o coronavírus continuava em

¹⁰ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Negacionismos, autoritarismos e políticas exterministas em tempos de pandemia. **Sarau da Casa Azul** [Podcast]. Produzido em abril de 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0ZEJhINYTv5CikAxGos3Tx?si=GMAxDXEPRiOgmq5UQ7diUg>
Acesso em: 05 mai. 2023

alta ceifando vidas, e se difundia a descrença da importância de medidas como isolamento ou distanciamento, assim como a crença de tratamentos preventivos que foram comprovados como ineficazes. Além disso, a desvalorização da ciência foi acompanhada do ressurgimento de discursos autoritários, que foram assimilados por muitos estudiosos como “neofascismo”, daí o nosso interesse em evidenciar o tema. Desse modo, podemos recuperar a ideia do papel do historiador enquanto um intelectual mediador, pois a sua função pode ultrapassar os limites do ambiente acadêmico, bem como as suas redes de sociabilidades, e, assim, a sua atuação através do uso das tecnologias digitais e das mídias sociais pode contribuir para ampliação do acesso ao conhecimento histórico, bem como incentivar o interesse da sociedade pela história. Como ressaltou o historiador Giliard Prado,

(...) em um contexto marcado pelos complexos fenômenos das *fake News* e da pós-verdade, é função social do historiador atuar na esfera pública das mídias digitais para combater as tentativas de falseamento da realidade e o negacionismo histórico. Essa atuação deve ser orientada no sentido de contribuir para a compreensão dos referidos fenômenos e para o desenvolvimento de uma consciência histórica pela sociedade, bem como de demonstrar que fatos e opiniões não são equivalentes (PRADO, 2021, p. 30-31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

272

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, o educador Paulo Freire discorreu sobre o processo ensino e aprendizagem, bem como ressaltou o papel da tecnologia e da ciência, pois, quando utilizadas de forma criteriosas podem estimular a curiosidade, assim, os meios de comunicação, como o computador, o rádio e a televisão, além de fontes possíveis para a pesquisa, oferecem recursos para conhecer o mundo e repensá-lo, estimulando a curiosidade, contribuindo para a construção de um pensamento crítico e autônomo. Nas suas palavras,

Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la. Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido (FREIRE, 1996, p. 71).

Neste sentido, o uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem pode auxiliar na inclusão de alunos digitalmente e socialmente, tornando-os cidadãos conscientes de seus direitos e deveres civis, sociais e políticos. A internet e outras tecnologias instigam para os indivíduos se tornem autores e produtores de ideias e conhecimentos, permitindo que eles transformem suas realidades e se tornem críticos e questionadores. Aliás, o processo educacional não se restringe ao ensino formal dos bancos escolares ou universitários. Pelo contrário, a escolarização se constitui um processo constante ao longo da vida, daí a importância das tecnologias digitais de informação e comunicação como os *podcasts* como uma ferramenta útil para a educação, bem como para o lazer e para o entretenimento. Apesar de popular, a utilização dessa mídia digital como ferramenta auxiliar à educação é um recurso pouco explorado no país.

No entanto, a exclusão digital é um problema grave no Brasil, já que nem todas as pessoas têm acesso à internet, como se observou com o isolamento social durante o período da pandemia da Covid 19. Aliás, segundo Lucia Giraffa nenhum setor ou pessoa passou ilesa ao contexto pandêmico. Além dos alunos, muitos professores foram obrigados a se adaptarem a nova realidade imposta para evitar a interrupção das aulas. O período marcadamente conturbado para história mundial assinalou a profundidade da desigualdade socioeconômica na sociedade brasileira, como a dificuldade de acesso ao ensino remoto desde o ensino básico ao ensino superior, uma vez que muitas famílias não possuíam, e possuem, acesso aos computadores ou conexões de internet de qualidade.

Diversos estudiosos têm refletido sobre o impacto da pandemia no universo educacional, aliás, José Manuel Moran já salientava nas suas pesquisas as possibilidades da abordagem da educação híbrida, que combina o aprendizado presencial com o aprendizado à distância, no seu entendimento, “essa mescla, entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola”. O certo é que muitas escolas, professores, alunos, bem como toda a sociedade, não se encontravam preparados para as consequências do isolamento social e os seus desdobramentos na vida pessoal, bem como no universo do trabalho, nas escolas e nas universidades. Para bem e para o mal, a revolução científica-tecnológica continua em marcha, alterando, por exemplo, as formas de relacionamento entre as pessoas e como as atividades são realizadas na educação e no trabalho, constituindo ainda um grande desafio. Não por acaso,

(...) aprendemos como fazer isso na pandemia, afinal, viramos de certa maneira YouTubers, editores de vídeos, podcasters e produtores de materiais. Onde ficou tudo isso? Está guardado nos repositórios, na nuvem, nos periféricos dos dispositivos que usamos no ensino remoto, assim como na mente e no coração dos docentes. Basta acreditar, querer, recuperar e transformar (GIRAFFA, 2022, p. 65)

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Landell de Moura (verbetes). In: ABREU, Alzira Alves de. (Org.). **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOURA,%20Landell%20de.pdf> Acesso em: 30 abr. 2023.

ALMEIDA, Juniele R. de; MENESES, Sônia (org.). **História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALVES, Lynn. Relações entre os jogos digitais e aprendizagem: delineando percurso. **Revista Educação, Formação & Tecnologias**, Caparica, vol. 1, n. 2, 2008.

ALVITO, Marcos. Os Sertões de Guimarães. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em julho de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/51wkhcPuHxdKh2KMNqQn5t> Acesso em: 04 mai. 2023.

ANDRELO, Roseane. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 12, n. 47, p. 139-153, 2012.

AZZI, Christiane Ferreira. Museus reais e imaginários: a metamorfose da arte na obra de André Malraux. **Lettres Françaises**, n. 12 (2), 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/5312> Acesso em: 10 jan. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023**. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em:

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 35- 53, set. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Fernando Albuquerque (Org.). **Repensar as TIC na Educação: o professor como agente transformador**. São Paulo: Santillana, 2012.

DODEBEI, Vera e ABREU, Regina (orgs). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2008.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Qual a relação entre história pública e o ensino de História?. In: MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo e BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos? What public history do we want?**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, Jul./Dez. 2017.

Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>

Acesso em: 05 mai. 2023.

GIRAFFA, Lucia. “30 anos em 15 dias”: reflexões sobre docência na pandemia da Covid-19. ISMÉRIO, Clarisse (Org.). In: **Educação contemporânea: reflexões e experienciais**. São Paulo: Vecher, 2022.

275

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Angela Maria de Castro; Hansen. Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela Maria de Castro; Hansen. Patricia Santos (Orgs.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

JESUS, Wagner Brito de. **Podcast e educação: um estudo de caso**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121992> Acesso em: 01 mai. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAGNONI, Antonio Francisco; Rodrigues, Kelly De Conti. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. In: **Anais eletrônicos do 9º. Encontro Nacional da História da Mídia**, 2013, Ouro Preto, UFOP.

MAIA, Andrea Casa Nova; CARDOSO, Luciene Carris; SANTOS, Vicente S. Moreira dos. **Lições do tempo: temas em história e historiografia do Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

MARTINS, Nair Prata Moreira. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

MONTEIRO, Miguel Côrrea. História e virtualidade: museus, jogos e novas tecnologias. In: ALVES, Lynn R. G.; TELLES, Helyom Viana; MATTA Alfredo E. R. (Orgs.) **Museus virtuais e jogos digitais: novas linguagens para o estudo da história**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MORAN, José M., Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Vol. II, Coleção Mídias Contemporâneas. UEPG/PROEX, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf
Acesso em: 28 abr. 2023.

MORAES FERREIRA, Marieta de e AMADO, Janaína (org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

ORTRIWANO, Gisela S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em: <file:///C:/Users/Luciene/Downloads/33808-Texto%20do%20artigo-39627-1-10-20120716.pdf> Acesso em: 28 abr. 2023.

Painel TIC COVID-19: Pesquisa on-line com usuários de Internet no Brasil - 4ª edição: Cultura, Comércio Eletrônico, Serviços Públicos On-line, Telessaúde, Ensino Remoto e Teletrabalho. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/publicacao/painel-tic-covid-19-pesquisa-online-com-usuarios-de-internet-no-brasil-4edicao/> Acesso em: 05 mai. 2023.

PEREIRA, Amilcar. "Era só mais uma Silva": Maestro Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em março de 2021. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/7ENNhTZ0YWA068P4SZXNpj?si=ad7cff7040e14715>. Acesso em: 04 mai. 2023.

Portaria n. 137 de 28 de abril de 2016. Disponível em:

https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21512179/do1-2016-04-29-portaria-n-137-de-28-de-abril-de-2016-21512121 Acesso em: 20 de jan. 2022.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201> Acesso em: 01 abr. 2023.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. A cidade e o poeta: o Rio de Janeiro de João do Rio. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em junho de 2020.

Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/3ewxsdpDh7X5hfv4QjuzLv?si=b41ddd0f6248415f> Acesso em: 04 mai. 2023.

SANTOS, S.; PEIXINHO, A. A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem narrativa. **Estudos em Comunicação**, Coimbra, n. 29, p. 147-158, dez. 2019.

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar História: Como jogar com isso? In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

TACO, Gabriel. Uma conversa sobre o espetáculo "Relatos de um homem só". **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em novembro de 2021. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/51XMVkpZes9u99YRDuWTwl?si=943e4cc1c3134819> Acesso em: 05 mai. 2023.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Negacionismos, autoritarismos e políticas exterministas em tempos de pandemia. **Sarau da Casa azul** [Podcast]. Produzido em abril de 2021. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/0ZEJhINYTv5ClkAxGos3Tx?si=GMAxDXEPRiOgma5UQ7diUg> Acesso em: 05 mai. 2023

TEIXEIRA, Carol. Dia do Podcast é celebrado em 21 de outubro no Brasil. **Rádio Senado**, Brasília, 20 out. 2022. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/20/dia-do-podcast-e-celebrado-em-21-de-outubro-no-brasil> Acesso em: 05 mai. 2023.

URRA, Flávio. E agora José? Homens no enfrentamento a violência contra a mulher. **Sarau da Casa Azul**. [Podcast]. Produzido em julho de 2021. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1arTWMctpJbryBSPjvYcQI?si=b293d6e58c504487>
Acesso em: 04 mai. 2023.